

“O FMI é um espantalho”

BRASÍLIA — “O FMI, para nós, é um espantalho. É quase um palavrão.” Com essa frase, o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, conseguiu desarmar o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, que se reuniu com a direção do partido para explicar os termos da negociação que o governo pretende fazer com os credores e com o próprio Fundo Monetário Internacional. Por causa disso, Bresser não defendeu o acordo com o FMI, embora o admitisse como segunda etapa da negociação, com a seguinte justificativa: “Se negociarmos primeiro com os bancos, nós conseguiremos enfraquecer o FMI.”

Bresser sentiu o clima logo na chegada e, por isso, fez questão de abrir a reunião negando que tivesse declarado à imprensa que sua missão era convencer o PMDB sobre a necessidade de um acordo com o FMI. Só que, em nenhum momento, segundo os presentes à reunião, ele descartou esse acordo. Ao contrário, insistiu na tática de negociar com os bancos e depois com o FMI.

— Mas a ordem dos fatores não altera o produto — sentenciou o líder da Constituinte, Mário Covas.

— Claro que sim. Nós vamos fazer uma coisa revolucionária, que nenhum país ainda conseguiu fazer — rebateu o ministro. O PMDB quis saber a reação dos bancos e Bresser informou ter obtido de uma importante fonte que o Brasil não terá muitas dificuldades para fazer essa operação. O partido, porém, não se convenceu disso, tanto que, ao final da

reunião, o líder do senado, Fernando Henrique, disse aos repórteres: “O primeiro passo, tudo bem. O segundo pode ser um tropeço”.

Apesar de não ter havido nenhuma conversa preparatória, os dirigentes do PMDB mostraram-se afinados quanto às restrições ao FMI. O presidente da Fundação Pedrosa Horta, senador Severo Gomes, leu trecho do documento aprovado na convenção, que, o próprio Ulysses havia entregue ao ministro, pouco antes dele embarcar para os Estados Unidos, no dia 20. Nesse documento, propositadamente subscrito, entre outros, pelos três nomes que Ulysses indicou, ao lado de Bresser, para substituir o ministro Dilson Funaro (Raphael de Almeida Magalhães, Celso Furtado e José Serra), a cúpula do PMDB conseguiu barganhar com os progressistas a retirada de críticas diretas à política do atual ministro da Fazenda com uma condenação radical ao FMI: “não aceitação do monitoramento da política econômica do FMI, independente do grau de formalização de tais acordos. Não se trata apenas de oposição a acordos formais, mas também de rejeitar acertos que comprometam a soberania na condução da política econômica nacional, com prejuízo do objetivo de crescimento estabelecido”.

— Pois bem, este é o nosso evangelho — afirmou Severo, exibindo um exemplar desse documento ao ministro. Bresser riu da observação de Severo, mas concordou com ela.